

Eça de Queirós Cronista: Do "Distrito de Évora" (1867) às "Farpas" (1871-72)
Annabela Rita. Lisboa: Edições Cosmos (1998)

De: Maria Manuel Lisboa

Na obra super-abundantemente estudada de Eça de Queirós, prevalecem ainda assim recantos semi-írgens, em que até hoje deparamos com o fenómeno de um autor à procura de um crítico. De entre esses, salienta-se a crónica queirosiana, que, como aponta a autora deste livro, padece aliás do mesmo abandono a que, de um modo geral, foi votada toda a crónica oitocentista enquanto género literário/discursivo. Neste trabalho, a autora propôs-se empreender uma investigação sistemática que inserisse a crónica queirosiana no contexto das suas relações com a letra imprensa e com a vivência social sua contemporânea. O resultado é um excelente volume, que, pressupomos, virá merecidamente a suscitar um interesse mais alargado por um pelouro que a crítica queirosiana na generalidade, embora com algumas notáveis excepções, tem descuidado.

Eça de Queirós Cronista restringe-se aos ciclos de crónicas do *Distrito de Évora* e das *Farpas*, opção que a autora justifica por via da natureza da própria tese a ser defendida, nomeadamente a de uma transformação claramente discernível, e que, do ponto de partida, no *Distrito de Évora*, de um discurso inicialmente indeterminado e invadido por elementos jornalísticos e literários alheios, nas *Farpas* se metamorfoseia num modelo discursivo coeso e uno.

A génese da crónica queirosiana, desde sempre *sui generis*, conforme observável nas *Farpas*, é assim situada por Annabela Rita nos trechos antecedentes do *Distrito de Évora*, por via de uma assingelização graças à qual a heterogeneidade genérica dá lugar a uma escrita mais dirigida e menos susceptível de contaminações alheias à sua natureza fundamental. A unificação discursiva, segundo a autora, é acompanhada de um distanciamento autoral, que leva o escritor a abandonar a postura social e política interventiva da primeira série, a favor de uma atitude mais clínica, relativamente a instituições políticas e administrativas e à própria comunidade do público leitor. Esse distanciamento, é claro, é lapidado pela crescente ironia das *Farpas*, já presente no *Distrito de Évora*, e que definira o género emergente.

A autora oferece ainda uma análise da modalidade retórica participante na formação dessa ironia e desse género discursivo. A medida da evolução da crónica queirosiana reflecte um progressivo ímpeto informativo e didáctico do primeiro para o segundo ciclo de crónicas. A nossa atenção é dirigida para a missão auto-imposta e multifacetada da crónica queirosiana: para dar apenas alguns exemplos, a conversa como instrução (denominada "uma pedagogia da convivibilidade"); a função combativa de análise e crítica social, que se contrapõe a uma pressuposta futilidade habitualmente tida como característica intrínseca deste género discursivo; e a função oxigenadora, destinada a alargar o leque de referências do público leitor de jornais, obrigando-o a uma maior flexibilidade de raciocínio e opinião.

Ainda neste aspecto, a transição do fragmentarismo do *Distrito de Évora* para a homogeneidade tonal e estrutural das *Farpas*, e para um discurso mais tardio que já dispensava a componente auto-reflexiva das crónicas iniciais, confere às *Farpas* aquilo que a autora denomina "cidadania, identidade e personalidade," e situa a crónica da segunda fase num espaço intermédio entre jornalismo e literatura, cujo efeito é o de preparar a apetência do público para esta.

A autora pondera a emergência e intenção do processo cronista em Eça no contexto da auto-definição geracional nascida da polémica dos activistas intelectuais da Geração de 70. Sendo assim, não surpreende a coincidência entre o micro-projecto cronístico e a mais ampla missão que surgiu das Conferências do Casino: educação pública, reformismo cívico, revolucionismo intelectual, lucidez comentarial e análise crítica generalizada, "resintonizando arte, sociedade e revolução."

Conclui-se esta resenha com uma citação da autora: "Se 'escrever equivale de certo modo a fracturar o mundo [...] e a refazê-lo,' a escrita é, para Eça e o seu grupo, eminentemente funcional no âmbito da revolução desejada e, no caso da escrita periódica, em especial da cronística, a escrita quase assume a dimensão de uma forma de militância sistemática." *Eça de Queirós Cronista* oferece-nos uma análise perspicaz, detalhada e valiosa de um corpus jornalístico aguerrido, cujo estudo cuidadoso neste volume deita luz sobre aspectos injustificadamente semi-esquecidos do Eça polemista.